

# Fátima na luz da Páscoa

1 a 4 de abril de 2021, Tríduo Pascal / Santuário de Fátima

SEXTA-FEIRA SANTA

# SEGUNDO ENCONTRO

*Tenho muita sede, mas não quero beber;  
ofereço a Jesus pelos pecadores*

## 1. Pórtico

No percurso desta Páscoa interior que queres viver na luz de Fátima, és convidado de novo a abrir a tua liberdade a Deus. Jesus voluntariamente entregou-se nas mãos dos homens, sujeitando-se às regras do jogo de mentiras em que os poderes do mundo transformam a história. Vítima aparentemente passiva, Jesus paradoxalmente assume-se sujeito ativo do processo iníquo a que o sujeitam. Não lhe tiram a vida, ainda que o pareça. É ele que a depõe livremente. Tem o poder de a dar e de a retomar.

Fátima repercute o paradoxo da paixão do Senhor. Nas linhas tortas que a história dos homens risca, pelo olhar e a voz da Senhora de luz transparente e pela entrega das três crianças pastoras em total oferta de si mesmas, vem Deus escrever direito as palavras sem fim da graça e da misericórdia.

É Deus que escreve. Os pastorinhos são escrita sua. Oferecidos a ele, Lúcia, Francisco e Jacinta são corpo do mistério das palavras que Jesus escreveu no chão naquela manhã no templo de Jerusalém, diante dos acusadores da mulher apanhada em adultério, os mesmos que nesta hora da sua paixão o acusam a ele.

Aceita a mão que a Jacinta te estende e deixa-te conduzir por ela para dentro da história da sua sede. A sede de Jacinta, voluntariamente não satisfeita em sacrifício pelos pecadores, é a sede de Jesus naquela tarde ensanguentada tremenda no alto da cruz. É a sede em que Deus arde, um Deus sedento do amor dos homens, Deus sedento de homens sedentos de Deus, de homens com sede de Deus. A pequena Jacinta, tão criança – só as crianças amam sem compreender –, oferece a sua sede a Deus para que Deus sacie a sua sede de conversão dos pecadores e os pecadores conheçam em seus peitos a sede de Deus.

Fátima chama-te a descobrires no coração esta sede apaixonada de Deus, a sua sede de ti, a tua sede dele, ambas abraçando-se amorosamente no segredo do teu coração. A aridez de Fátima tem no sol tremendo daquele dia de Jerusalém o seu sol. É o mesmo sol, a mesma sede, em Jesus e em Jacinta. Ambos quiseram. Queres tu?

## 2. Leitura

Jesus, sabendo que tudo se consumara, para se cumprir totalmente a Escritura, disse: «Tenho sede!» Havia ali uma vasilha cheia de vinagre. Então, ensopando no vinagre uma esponja fixada num ramo de hissopo, chegaram-lha à boca. Quando tomou o vinagre, Jesus disse: «Tudo está consumado». E, inclinando a cabeça, entregou o espírito.

/ Jo 19,28-30

Se lhe perguntavam se precisava de alguma coisa, dizia: «Muito obrigada, não preciso nada». Quando se retiravam, dizia: «**Tenho muita sede, mas não quero beber; ofereço a Jesus pelos pecadores**».

/ Santa Jacinta Marto, *Memórias* de Lúcia

## 3. Meditação

«Tenho muita sede».

Que sede é a tua, Jacinta?

Recordo o dia em que caminhavas no meio do rebanho, acariciando o cordeiro branco que levavas nos braços. Quando a Lúcia te perguntou porque o fazias, disseste que era «para fazer como Nosso Senhor». O teu coração de menina intuía já que, na vida, nada mais importa do que «fazer como Nosso Senhor».

E a tua vida foi esse breve «fazer como Nosso Senhor».

Hoje, pergunto-me o que também tu perguntaste, um dia, à tua prima Lúcia: «Porque está Nosso Senhor assim pregado numa cruz?» Porquê, Jacinta? Porque está Deus numa cruz? Que diferença faz o Cristo crucificado? Que diferença faz o Deus-feito-criança que não encontra lugar para nascer, o Deus-refugiado que deve ser protegido pelos pais e levado de sua terra para que não morra, o Deus-que-chora com o sofrimento alheio, o Deus-que-sofre porque ama e ama ao ponto de se oferecer em sacrifício, o Deus-que-morre na cruz... este Cristo, que diferença faz? Que diferença me faz o crucificado?

Estou em crer que muito cedo intuístes que há um Cristo que não faz grande diferença: um Cristo que é apenas um esquema que se dilui numa fórmula matemática, um Cristo-que-resolve tudo porque é resposta intelectualizada para as minhas formulações e equações, um Cristo-preceito que é garantia de uma qualquer moralidade, um Cristo-ideia que é, no fundo, apenas resposta a um desejo meu e que, por isso, eu controlo e disponho à minha vontade.

Talvez por isso tenhas perguntado à Lúcia porque estava o Cristo assim pregado numa cruz. É a pergunta que se impõe se queremos levar a sério o Crucificado. Talvez por isso também a resposta da Lúcia – «Porque morreu por nós» – te tenha desarmado e lhe tenhas pedido com a urgência de quem tem sede: «Conta-me como foi».

A Lúcia contou-te, Jacinta?

É que, hoje, a tua vida também me conta como foi que Jesus morreu por nós e está assim pregado numa cruz. A tua vida ajuda-me a compreender que os evangelhos não foram escritos simplesmente para contar a vida de Jesus, mas para situar a minha vida diante da vida de Jesus. Não se pode conhecer Jesus sem aprender dele a ser seu discípulo. E diante do crucificado, não posso ficar indiferente.

Jacinta, a tua vida mostra-me a diferença que Cristo faz.

Tu, que querias «fazer como Nosso Senhor», assim o fizeste até ao extremo da cruz. E eu posso perguntar-te, hoje, com a surpresa que era a tua diante do crucificado: porque estás tu, Jacinta, assim pregada numa cruz?

Parece-me que te adivinho a resposta: «para morrer por nós», pelos pecadores, pelos que não creem, não adoram, não esperam e não amam; pelos que vivem longe do afeto de Deus; pelos que precisam que alguém morra por eles, para que vivam; pelos que não sabem que têm sede e definham junto a cisternas rotas, que não podem reter as águas.

Conta-me como foi, Jacinta, que te deste toda, como Jesus na cruz, porque tinhas sede. Conta-me como foi, Jacinta, que te abriste ao horizonte de um mundo novo inaugurado pelo Crucificado, mesmo sem compreender a aventura que abraçaste. Conta-me como foi, Jacinta, que o pecador que não conheces e que o mundo inteiro diz que não deveria merecer qualquer cuidado se tornou, para ti, mais importante que o cuidado de ti mesma. Conta-me como foi, Jacinta, que saciaste a tua sede de água com uma sede tão maior de tocar a vida dos pecadores com o afeto do Reino de um Deus que é sede e fonte.

No extremo da cruz, Jesus suspirou pela água: «Tenho sede». E tudo se consumou na sua sede. E o que se consumou foi a sua sede. Foi a cruz ofertada por nós. Pouco

depois de expirar, vemos sair sangue e água do seu peito trespassado pela lança. Aquele que tem sede do Eterno transforma-se em fonte que jorra água que dá vida.

Por isso, Jacinta, quando dizes que tens sede e que a ofereces pelos pecadores, quando vejo os pequenos nadas do teu dia de que fazes cruz e sede, quando toco o que te move interiormente a dares-te toda, recordo-me das palavras do Cristo sedento que faz toda a diferença: «Tudo está consumado».

Da cruz, Jesus oferece-nos a sua sede, para que nos recordemos da sede que nos habita e na qual habita Deus.

Jacinta, como se oferece a sede?

Intuo a tua resposta simples: faz como Nosso Senhor. Se a tua vida for cruz oferecida por amor, é a sede em ti a jorrar água que dá vida.

Ensina-me, Jacinta, essa tua sede, que é a de Jesus.

«Tenho muita sede».

## 4. Contemplação

Neste quarto momento do segundo encontro, é proposta a contemplação das estações XII e XIII da Via-sacra da Colunata do Santuário de Fátima, criada por Lino António, enquanto se escuta o *Miserere* de Gregorio Allegri. O texto desta obra musical encontra-se abaixo (no original latino e em tradução portuguesa). Sugerimos que esta experiência contemplativa seja enquadrada pela leitura histórico-artística e espiritual oferecida após o texto do *Miserere*.

O vídeo está disponível em <https://youtu.be/3KmfF93byC4> (clicar na ligação).

*/ Miserere mei, Deus, Gregorio Allegri*

*/ Estações XII e XIII da Via-sacra da Colunata do Santuário de Fátima, de Lino António*

*Miserere mei, Deus: secundum magnam misericordiam tuam. / Et secundum multitudinem miserationum tuarum, dele iniquitatem meam. / Amplius lava me ab iniquitate mea: et a peccato meo munda me. / Quoniam iniquitatem meam ego cognosco: et peccatum meum contra me est semper. / Tibi soli peccavi, et malum coram te feci: ut justificeris in sermonibus tuis, et vincas cum judicaris. / Ecce enim in iniquitatibus conceptus sum: et in peccatis concepit me mater mea. / Ecce enim veritatem dilexisti: incerta et occulta*

*sapientiae tuae manifestasti mihi. / Asperges me hysopo, et mundabor: lavabis me, et super nivem dealabor. / Auditui meo dabis gaudium et laetitiam: et exsultabunt ossa humiliata. / Averte faciem tuam a peccatis meis: et omnes iniquitates meas dele. / Cor mundum crea in me, Deus: et spiritum rectum innova in visceribus meis. / Ne proicias me a facie tua: et spiritum sanctum tuum ne auferas a me. / Redde mihi laetitiam salutaris tui: et spiritu principali confirma me. / Docebo iniquos vias tuas: et impii ad te convertentur. / Libera me de sanguinibus, Deus, Deus salutis meae: et exsultabit lingua mea justitiam tuam. / Domine, labia mea aperies: et os meum annuntiabit laudem tuam. / Quoniam si voluisses sacrificium, dedissem utique: holocaustis non delectaberis. / Sacrificium Deo spiritus contribulatus: cor contritum, et humiliatum, Deus, non despicies. / Benigne fac, Domine, in bona voluntate tua Sion: ut aedificentur muri Ierusalem. / Tunc acceptabis sacrificium justitiae, oblationes, et holocausta: tunc imponent super altare tuum vitulos.*

Tem compaixão de mim, ó Deus, pela tua bondade; pela tua grande misericórdia, apaga o meu pecado. / Lava-me de toda a iniquidade; purifica-me dos meus delitos. / Reconheço as minhas culpas e tenho sempre diante de mim os meus pecados. / Contra ti pequei, só contra ti, fiz o mal diante dos teus olhos; por isso é justa a tua sentença e reto o teu julgamento. / Eis que nasci na culpa e a minha mãe concebeu-me em pecado. / Tu aprecias a verdade no íntimo do ser e ensinas-me a sabedoria no íntimo da alma. / Purifica-me com o hissopo e ficarei puro, lava-me e ficarei mais branco do que a neve. / Faz-me ouvir palavras de gozo e alegria e exultem estes ossos que trituraste. / Desvia o teu rosto dos meus pecados e apaga todas as minhas culpas. / Cria em mim, ó Deus, um coração puro; renova e dá firmeza ao meu espírito. / Não me afastes da tua presença, nem me prives do teu santo espírito! / Dá-me de novo a alegria da tua salvação e sustenta-me com um espírito generoso. / Então ensinarei aos transgressores os teus caminhos e os pecadores hão de voltar para ti. / Ó Deus, meu salvador, livra-me do crime de sangue, e a minha língua anunciará a tua justiça. / Abre, Senhor, os meus lábios, para que a minha boca possa anunciar o teu louvor. / Não te comprazes nos sacrifícios nem te agrada qualquer holocausto que eu te ofereça. / O sacrifício agradável a Deus é o espírito contrito; ó Deus, não desprezes um coração contrito e arrependido. / Pela tua bondade, trata bem a Sião; reconstrói os muros de Jerusalém. / Então aceitarás com agrado os sacrifícios devidos, os holocaustos e as ofertas; então serão oferecidos novilhos no teu altar.

O termo em latim *Miserere* (significando “misericórdia”) designa o célebre salmo 51, eminentemente penitencial, sublimemente musicado por Gregorio Allegri (séc. XVII). «Tem misericórdia de mim, ó Deus, pela tua bondade; pela tua grande misericórdia, apaga o meu pecado». O salmo confessa de modo expressivo a consciência profunda da condição pecadora do homem e o reconhecimento contrito e arrependido do próprio pecado, suplicando a Deus a sua misericórdia redentora. «Lava-me de toda a iniquidade e purifica-me de todas as faltas».

Diz-nos o Papa Francisco: «Precisamos sempre de contemplar o mistério da misericórdia. Misericórdia: é a palavra que revela o mistério da Santíssima Trindade. [...] é o ato último e supremo pelo qual Deus vem ao nosso encontro. [...] A misericórdia será sempre maior do que qualquer pecado, e ninguém pode colocar um limite ao amor de Deus que perdoa. [...] A misericórdia de Deus não é uma ideia abstrata mas uma realidade concreta, pela qual Ele revela o seu amor [...]. Provém do íntimo como um sentimento profundo, natural, feito de ternura e compaixão, de indulgência e perdão» (Francisco, *Misericordiae Vultus*).

Cristo, crucificado e morto, entregue livremente em sacrifício pelos pecados da humanidade – pelos nossos pecados – é essa realidade concreta pela qual resplandece de modo supremo o esplendor da misericórdia de Deus, abrindo-nos, de uma vez para sempre, a fonte que nos lava e purifica verdadeiramente de todo o pecado. «Deus prova assim o seu amor para conosco: Cristo morreu por nós quando éramos ainda pecadores. [...] fomos justificados pelo seu sangue» (Rm 5,8-9). A cruz de Cristo é símbolo desta realidade: Deus de tal modo assume a cruz do homem, que se funde com ela, tornando-a um marco incontornável para toda a humanidade que tem sede de Deus, sede de misericórdia, de perdão, do amor incondicional e salvador; a cruz rasga, assim, para nós, um novo horizonte de esperança.

Na Colunata, representado por Lino António, vemos Jesus silencioso e manso, qual cordeiro levado ao matadouro, que morre na cruz sedento da conversão do coração humano, sedento de nos dar o perdão e o amor de Deus. O seu coração aberto torna-se a fonte da água viva, capaz de saciar a nossa sede de salvação na torrente da misericórdia superabundante do Pai.

Da sede dolorosa de Cristo participa Maria, sua mãe. Aparecendo em Fátima, ela aponta para o seu coração ferido e sedento, repetindo: «Não ofendam mais a Deus Nosso Senhor, que já está muito ofendido» e, ainda, «sacrificai-vos pelos pecadores e dizei a Jesus: Ó Jesus, é por vosso amor, pela conversão dos pecadores e em reparação pelos pecados cometidos contra o Imaculado Coração de Maria». Desta sede de conversão se apaixonou Jacinta, sedenta de saciar a sede de tantos,

oferecendo para isso a Jesus o sacrifício da sua própria sede: «Tenho muita sede, mas não quero beber; ofereço a Jesus pelos pecadores».

## 5. Oração

Abbá, Pai terno e bom:

a Senhora que em Fátima mostra o seu coração ferido,  
cercado daqueles mesmos espinhos  
que foram cravados na fronte de teu Filho,  
o fruto bendito do seu ventre,  
convoca-me à alvura do meu próprio coração:  
chama-me a descobrir em mim a sede de ti  
e a deixar-me tomar, como ela, pela tua graça transfiguradora,  
saciando em ti, fonte perene da água que dá a vida, essa minha sede.  
Unido ao amoroso dom de si de teu Filho,  
desejo fazer da minha vida oferta até ao extremo,  
transparência do teu amor misericordioso  
que a todos quer saciar, que a todos quer salvar.  
Deixando-me iluminar pela vida de Santa Jacinta,  
menina sedenta de gastar-se em favor dos outros,  
rogo-te que toques a aridez do meu coração,  
irrigando-me com a tua luz vivificante,  
para que, unificados por ti os fragmentos que sou  
e progressivamente restaurada em mim a tua imagem,  
possa chegar a tocar, por ti, para ti e contigo, as vidas dos demais.  
Ámen. Sim, quero.

## Textos

André Pereira

José Nuno Silva

Pedro Valinho Gomes

Sandra Bartolomeu, sns



SANTUÁRIO DE FÁTIMA  
SHRINE OF FATIMA